

A GATA QUE PESCAVA



Francisco Alves Farias
Hidrolândia-CE
2025

Dedicatória:

Para minha filha Ester,
minha esposa Márcia e
à família Alves,
minha base para toda a vida.



A Grota dos Andrades separava o Bairro Alto da Vila Freitas.

Ali, entre duas casas coloridas, morava uma família unida: Francisco, um menino curioso que adorava contar histórias; seus primos Toinho e Ana, sempre prontos para viver aventuras; além das irmãs Toinha e Neném, o irmão Expedito e a mamãe Dona Gervige, a rainha da casa, sábia e carinhosa.

Em frente à casa, o pequeno córrego corria alegre, transformando a rua em cenário de brincadeiras e segredos.



Numa tarde, após uma grande chuva – dessas que deixam o cheiro de terra molhada no ar – Francisco ouviu um som estranho vindo do quintal. Era sua gata, com um miado confuso, trazendo algo na boca. Toinho logo achou que fosse uma lagartixa, Ana pensou ser uma cobra.

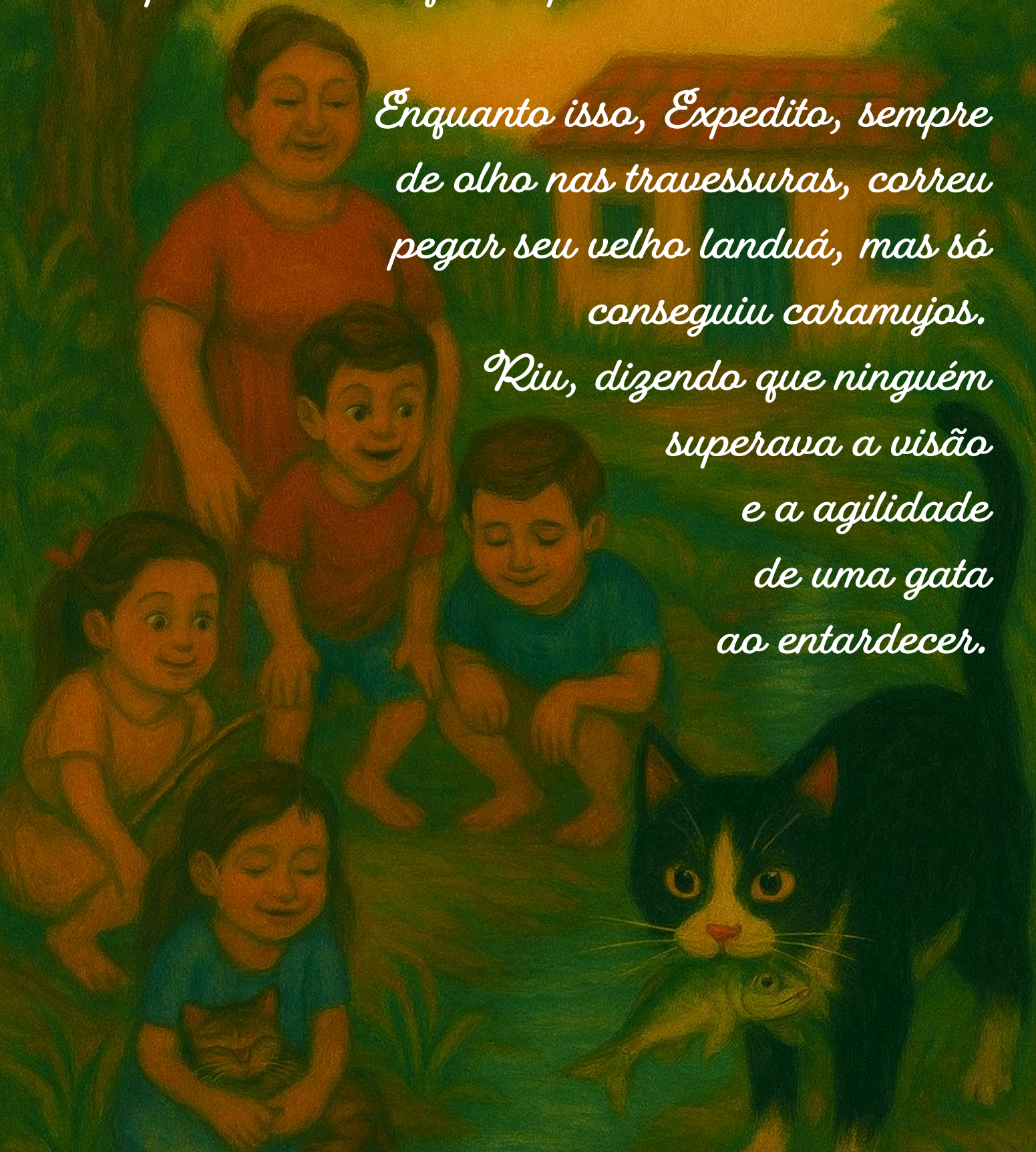
Mas Dona Gervige examinou de perto e, com seus olhos atentos, soltou: – É uma piaba! Nossa gata virou pescadora!

A surpresa virou festa. O animal deixou a piaba no chão e foi buscar outra. Voltou sorrateira, presenteando a família

com mais peixinhos. Era uma verdadeira pescadora de quatro patas!

Enquanto isso, Expedito, sempre de olho nas travessuras, correu pegar seu velho landuá, mas só conseguiu caramujos.

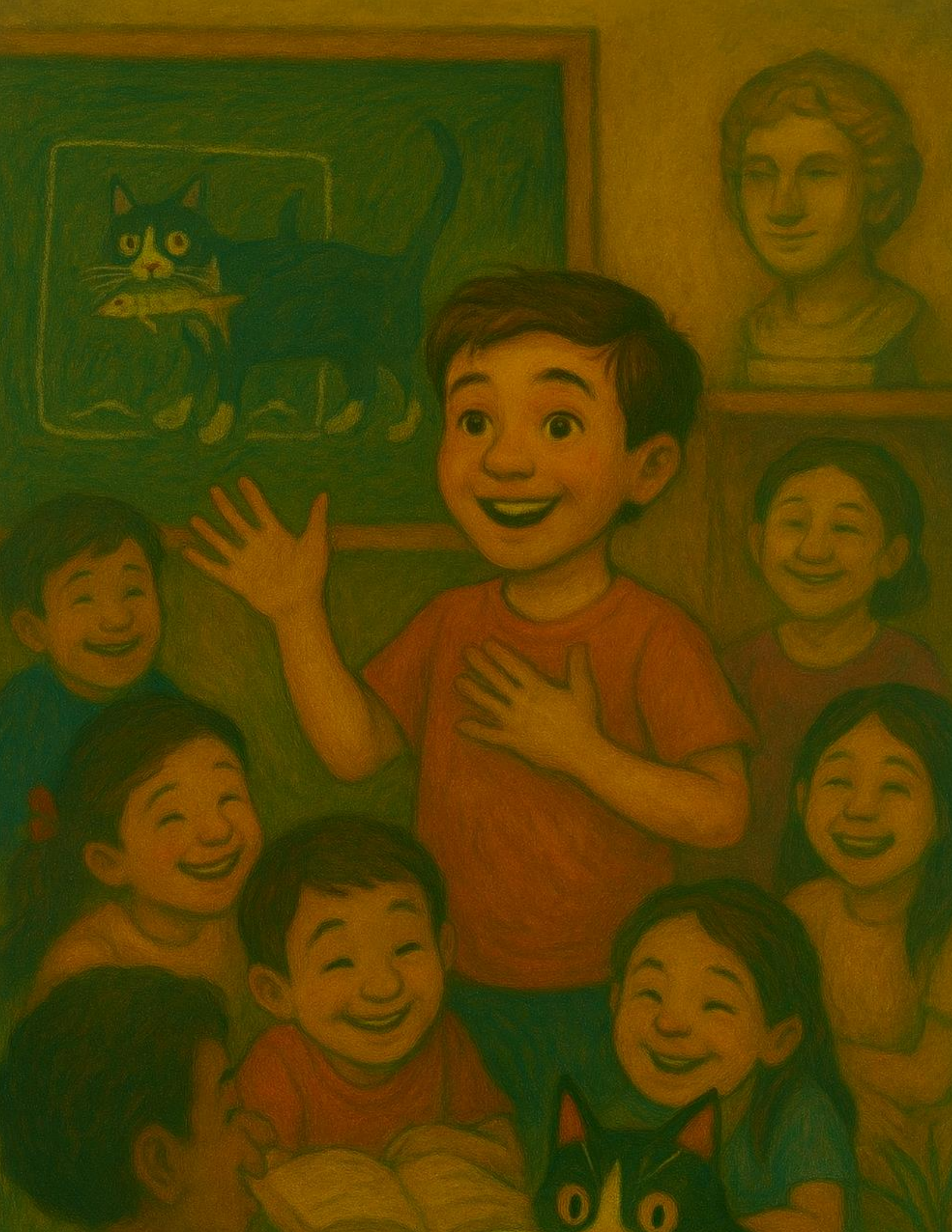
Riu, dizendo que ninguém superava a visão e a agilidade de uma gata ao entardecer.



Apesar das recomendações de Dona Gervige para manter segredo sobre a pescaria da gata, Francisco não resistiu e, na Escolinha do ABC da Tia Raimundinha, contou tudo, deixando toda a turma espantada!

– Já ouvi história de pescador, de pescadora, mas de gata pescadora, é a primeira! – soltou a professora, arrancando risadas de todos.

Sua fama de contador de histórias só aumentou.

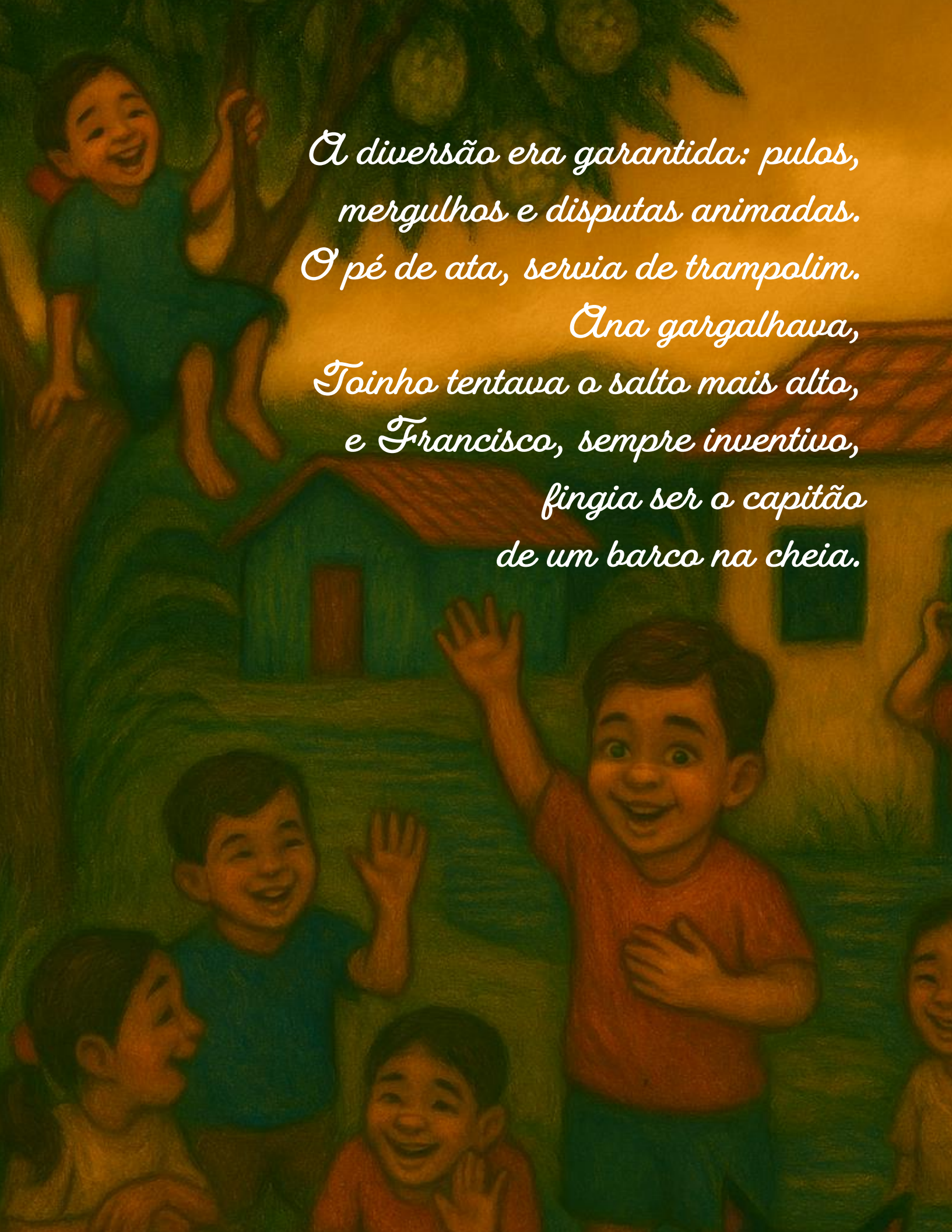


As chuvas do inverno davam vida ao córrego, que crescia e até ameaçava entrar nas casas mais baixas da antiga Vila Freitas.

Certa noite, chegaram rumores de que um açude tinha se rompido. A água subiu, abraçando o segundo degrau da porta de casa. Parecia que o rio tinha resolvido visitar a meninada, trazendo emoção e uma pontinha de medo.

Na manhã seguinte, com tudo mais calmo e o sol brilhando, as crianças comemoraram:

– Hoje não precisamos correr até o rio, ele veio até nós!



*A diversão era garantida: pulos,
mergulhos e disputas animadas.
O pé de ata, servia de trampolim.*

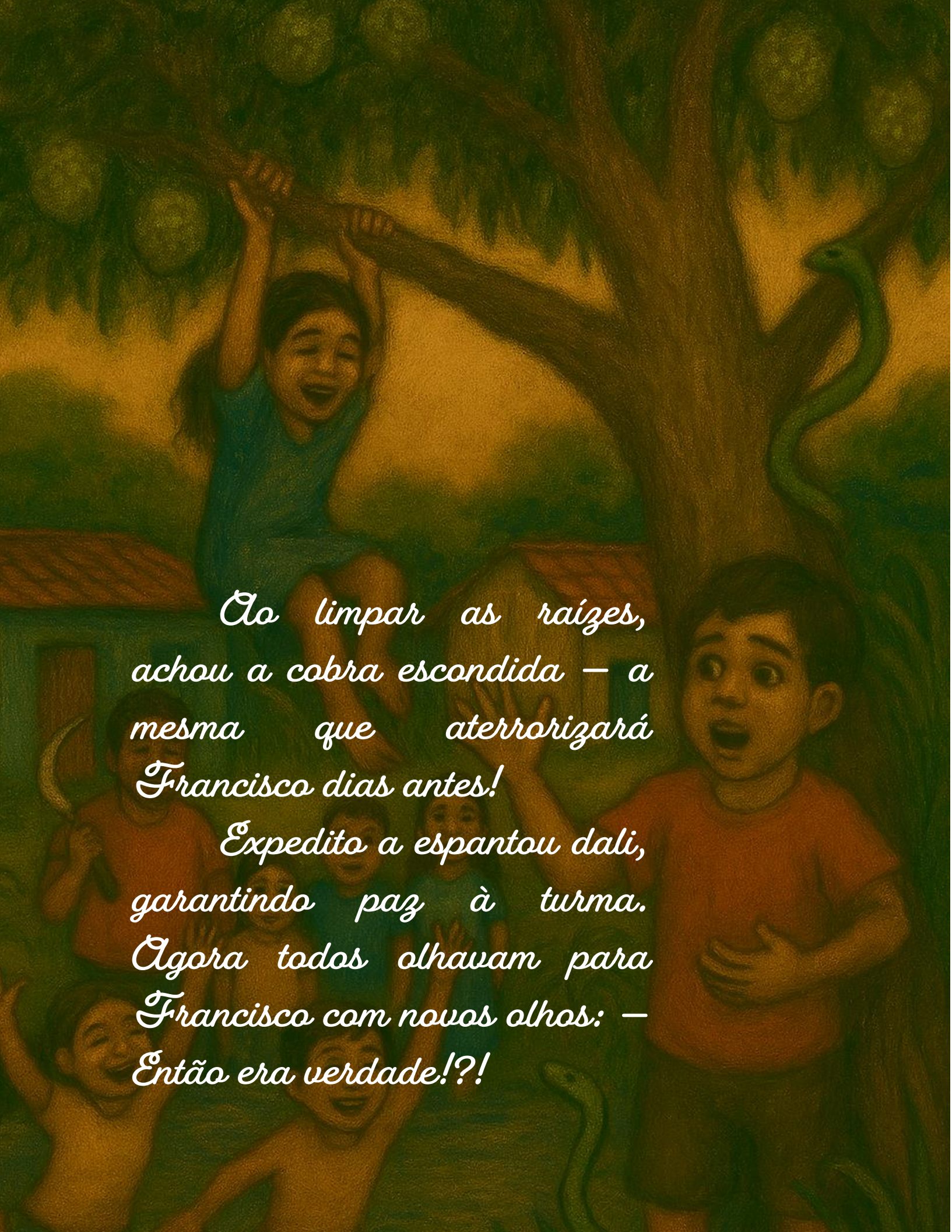
*Ana gargalhava,
Toinho tentava o salto mais alto,
e Francisco, sempre inventivo,
fingia ser o capitão
de um barco na cheia.*

No meio de tanta alegria, uma surpresa: Francisco viu uma cobra d'água, verdinha e rápida, vindo em sua direção. Gritou apavorado, nadando para fora da água. Mas ninguém acreditou nele.

— Lá vem história, Francisco! — brincou Dona Gervige.

Mesmo assim, depois desse dia, Francisco ficou desconfiado de brincar perto do pé de ata.

Já quase no final do inverno, Expedito apareceu com sua foice para aparar os galhos secos do pé de fruta do conde.

A painting of a group of children in a forest. A girl in a blue shirt is climbing a tree branch, looking down with a joyful expression. A boy in a red shirt stands in the foreground, looking up with a surprised expression. Other children are visible in the background, some holding sticks. A green snake is coiled around a tree branch on the right. The scene is set in a dense forest with large trees and dappled sunlight.

*Ao limpar as raízes,
achou a cobra escondida — a
mesma que aterrorizará
Francisco dias antes!*

*Expedito a espantou dali,
garantindo paz à turma.
Agora todos olhavam para
Francisco com novos olhos: —
Então era verdade!?!*

Mamãe dizia:

– Não vá contando isso por aí! O povo pode pensar que a gente come peixe que gato pesca!

Mas quem liga para a opinião dos outros quando a vida está repleta de pequenos milagres e aventuras na Grotá?

Francisco, Toinho, Ana, Toinha, Neném e Expedito sabiam que cada inverno era um convite para inventar, viver, aprender e rir das surpresas do dia a dia.

A lenda da gata pescadora continua viva na lembrança de quem morou naquela rua, ouviu os causos de Francisco e acreditou, nem que fosse só um pouquinho, na magia atrás das histórias.

Autor:
Francisco Alves Farias
Hidrolândia-CE, 2025

